# Dia 24 — São Pedro Pascoal, Bispo e Mártir

## Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Félix, bispo na África, Audacto e Januário, presbíteros, Fortunato e Sétimo, leitores, em Venosa, na Apúlia; os quais, no tempo de Diocleciano, por ordem de Magdeliano, seu procurador, depois de haverem sido por longo tempo molestados com cadeias e cárceres na África e na Sicília, como Félix insistisse em não querer entregar os livros sagrados, segundo estava mandado por um edito imperial, por último foram degolados.

O martírio dos santos Aretas e trezentos e quarenta companheiros, que foram assassinados no tempo do imperador Justino por um tirano judeu chamado Dunaan, em território dos Homeritas, na cidade de Nagran; depois destes foi queimada uma mulher cristã; e um filho seu, de idade de cinco anos, que, balbuciando, confessava a Jesus Cristo, nem com carícias nem com ameaças lhe puderam impedir que se arrojasse na fogueira onde estava ardendo sua mãe.

São Evergisilo, bispo e mártir, em Colônia.

São Proclo, bispo, em Constantinopla. (Assinalou-se particularmente este Santo na defesa das prerrogativas da santíssima Virgem, contra o que afirmavam os Nestorianos, e recebeu sem dúvida por esta razão favores muito especiais da Mãe de Deus. São Proclo ensinou a seu povo a cantar o sagrado Triságio, nesta forma: Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal, etc., em ocasião em que sofria Constantinopla grandes tremores de terra, e usando o povo desta petição, afinal cessaram. Diz-se que São Proclo teve uma visão em que lhe apareceram alguns coros de Anjos que entoavam aquele sagrado cântico. O certo é que desde então está em uso na Igreja e serve para implorar a misericórdia de Deus em todas as necessidades. É de advertir, porém, que o Triságio ou Sanctus que se canta na missa é muito mais antigo. Isaías ouviu os Serafins cantar três vezes Sanctus e louvar com esta doxologia o Forte e o Imortal nos céus, Deus que subsiste adorável em três Pessoas. E do céu mesmo é de onde a Igreja tomou este hino com que São João nos assegura que os Santos louvam a Deus por toda a eternidade.)

A ditosa morte de São Maglório, bispo, na Bretanha, cujo corpo está depositado em Paris.

São Martinho, abade, no mosteiro de Vertou.

São Marcos, solitário, cujos esclarecidos feitos escreveu São Gregório, papa, na campanha da Itália.

# São Pedro Pascoal, Bispo e Mártir

Depois que os mouros se apoderaram de todas as províncias meridionais da Espanha, isto é, desde o ano de 713, em que o desgraçado rei D. Rodrigo foi morto na batalha que perdeu contra os infiéis chamados da África pelo conde D. Julião, vendo-se reduzidos os godos a refugiar-se nas montanhas de Leão, das Astúrias e da Galiza, estabeleceram os sarracenos seu tirânico domínio no país e reduziram todos os Cristãos a uma lamentável servidão. Foi cruel a perseguição; mas não foi bastante para sufocar a fé, conservando Deus por mais de setecentos anos multidão de fiéis e generosos servos que, em meio de tão dura escravidão, souberam manter toda a liberdade e todo o zelo de verdadeiros filhos de Deus, sacrificando seus bens e sua mesma vida à conservação do culto divino e ao consolo de seus irmãos cativos, aliviando-os em suas misérias.

Uma família, entre tantas outras, originária de Valência e tão distinta por sua virtude como por seus muitos bens de fortuna, sobressaía sobre todas as demais desde longo tempo nestes exercícios de caridade. Contava já em seus ascendentes cinco heróis cristãos que haviam derramado seu sangue pela Religião; e seus descendentes, herdeiros do zelo e da piedade de seus progenitores, empregavam a maior parte de suas rendas em manter o convento do Santo Sepulcro da cidade de Valência. Era sua casa o refúgio de todos os necessitados e a hospedaria comum dos religiosos que vinham resgatar cativos, particularmente de São Pedro Nolasco, célebre fundador da Ordem da Mercê. Vendo o Santo que seus insignes benfeitores padeciam o desconsolo de não ter filhos, suplicou ao Senhor com fervorosos rogos que lhes desse sucessão, concedendo-lhes um herdeiro que o fosse também de seu zelo e de sua piedade. Foram ouvidas suas orações e no ano de 1227 tiveram um filho, a quem puseram o nome de Pedro, por devoção ao santo Fundador.

Olhando-o como filho de orações, deram-lhe uma educação muito correspondente aos desígnios da Providência sobre aquele vaso de eleição e muito própria do grande fundo de virtude que resplandecia em seus piedosíssimos pais. A nobilíssima índole e as belas inclinações do menino Pedro acreditaram desde logo que o céu o havia prevenido com as mais doces bênçãos desde seu mesmo nascimento. Parecia inata nele a inclinação à virtude e à caridade com os pobres, sendo sua maior diversão repartir-lhes por sua mesma mãozinha a esmola que lhe davam seus pais; e a ela acrescentava o que granjeava sua indústria, cerceando de tudo o que lhe davam para brincar e ainda para seu próprio sustento, sem que naquela terna idade fosse jamais possível reduzi-lo a que almoçasse nos dias de jejum. Logo que soube de memória o catecismo, não tinha maior gosto que ensiná-lo aos outros meninos de sua idade que se juntavam com ele, mas particularmente aos meninos dos mouros; e refere-se um caso muito singular. Tendo ouvido contar os maus tratamentos que os mouros faziam aos cativos cristãos e que alguns destes haviam conseguido a coroa do martírio, aceso o menino Pedro em desejos de ser mártir, instou os rapazes mouriscos que o tratassem como seus pais tratavam os cristãos escravos; e tendo suscitado os mouros de Valência uma horrível perseguição contra os Cristãos, custou grande trabalho ter encerrado dentro de casa o santo menino pelas ânsias com que suspirava pelo martírio.

Resgataram seus pais um virtuoso sacerdote narbonense, homem sábio, o qual depois foi religioso de Nossa Senhora da Mercê e bispo de sua pátria, e encarregaram-lhe assim a educação como os estudos de seu filho. Fez admiráveis progressos em tão boa escola: mas ao passo que se ia fazendo mais hábil em todo gênero de ciências, fazia-se também mais santo. Distribuía todo o tempo na oração e no estudo; de maneira que mal se falava de outra coisa entre os Cristãos que da eminente virtude e do extraordinário mérito do angélico mancebo.

Moveram-se por então naquele reino as revoluções contra seu rei Zeit; padeceram muito nesta calamidade os pais de nosso Santo, de quem os mouros receavam haver tido parte na afeição que mostrava aquele Príncipe aos Cristãos. Sossegada esta alteração, ia nosso Santo com outros de sua idade pedindo esmola para os cativos enfermos. Pouco durou a tranquilidade pública. Não bem o traidor Zaen havia assentado sua monarquia quando o rei D. Jaime começou a tratar da conquista daquele reino: o pretexto era restituir ao Rei despojado; os mouros receavam que os Cristãos queriam ganhar o reino: andavam como feras pela cidade fazendo aos fiéis todo o mal que podiam. O mouro mais cruel com eles, esse era tido por melhor: despenhavam-nos das torres de suas mesquitas, faziam-nos em postas pelas ruas: roubaram as casas dos moçárabes; a de nosso Santo foi das primeiras. Favoreceu o Rei a seu pai, pretendendo ter nele, como tão amigo que era do rei de Aragão, escudo na calamidade que o ameaçava. Os trabalhos daquela família e a aflição de nosso Santo ao ver tão perseguido e blasfemado o nome do Senhor bem se deixa entender. Em orações, lágrimas e jejuns passou com seus pais o que tardou a guerra até a conquista, que se concluiu a 28 de setembro do ano de 1238.

São Pedro Nolasco, que conhecia esta santa família, apresentou-a ao rei D. Jaime. O Rei, ao restituir àquela cidade sua antiga igreja, nomeou a nosso Santo por cônego dela e dispôs que seus pais o enviassem a estudar em Paris com o venerável Dr. Pedro Aimillo. Ali teve por mestre na teologia primeiro a Guilherme de Santo Amor, logo aos esclarecidos santos Boaventura e Tomás de Aquino. Muito em breve se fez admirar seu engenho e sua virtude; de sorte que mal se falava de outra coisa na universidade que do jovem espanhol. O bispo de Paris, enamorado de sua santidade e de seus raros talentos, conferiu-lhe as sagradas ordens e mandou-lhe que pregasse o Evangelho em toda a extensão de seu bispado. Fê-lo com aplauso nunca ouvido, sem que isto lhe estorvasse ensinar também na universidade, onde recebeu o grau e o capelo de doutor, sem embargo de ter todavia muito poucos anos.

Estando ele lá, morreram seus pais. Deu poder a São Pedro Nolasco para que, feitas três partes de sua fazenda, se repartisse entre órfãos, encarcerados e cativos: e resolvido a deixar o mundo, depois que, voltado à Espanha, esteve algum tempo residindo em sua prebenda, a renunciou e vestiu o hábito da nova Ordem da Mercê no convento de Valência. Era isto pelos anos de 1250 e desde o primeiro dia se admirou no noviço um perfeito modelo da religiosa perfeição. Os superiores nada tiveram que fazer senão moderar seu fervor e pôr limites a seus ansiosos desejos de abatimentos, humilhações e penalidades.

Logo que professou veio a Barcelona, chamado de São Pedro Nolasco. Acompanhou-o na viagem a Toledo, aonde o santo Fundador ia chamado da rainha D. Violante. Ficaram os reis de Castela muito afeiçoados à virtude deste servo de Deus, como se viu adiante. Voltado a Barcelona, leu teologia e pregava com incrível fruto, acudia aos exercícios da Ordem como se não tivesse outra

ocupação; era sobremaneira fervoroso, mortificado, dado à oração: dormia pouquíssimo, roubava a sua comodidade e ao sono o tempo que dedicava ao estudo. Encarregou-lhe o rei D. Jaime a educação de seu filho, o infante D. Sancho, que havia abraçado o estado eclesiástico. Era seu gênio muito oposto ao burburinho da corte; mas lhe foi forçoso sacrificar-se e passar a ela. Desempenhou seu novo emprego com tanta satisfação do Rei, com tanto fruto e com tão feliz sucesso que o Infante fez maravilhosos progressos nas ciências humanas e na ciência dos Santos; tanto que tomou o hábito da Mercê, sendo depois glória e ornamento da mesma Ordem. Com esta resolução do Infante ficou livre nosso Santo e teve tempo para ir fazer um resgate de cativos cristãos em Granada com ajuda dos reis de Castela: renovaram-se-lhe então as lágrimas da meninice, vendo ali um retrato das misérias em que se criou. Visitou os calabouços do Monte Santo, viu a crueldade com que tratavam os cativos, a falta de doutrina e a ignorância nos mistérios de nossa santa fé. Por de contado escreveu uma explicação da doutrina cristã, para que os cativos que sabiam ler a ensinassem aos demais. Saiu de Granada deixando-se ali o coração; receberam-no com grande gozo em Toledo, onde pregou e foi muito estimado do arcebispo dom Domingos Pascoal. Com sua pregação juntou grossas esmolas para Granada. Pouco tempo depois São Pedro Nolasco chamou a nosso Santo e com ele tratou muito devagar as coisas de sua consciência e lhe encomendou o aumento de sua Ordem e o cuidado dos cativos. Foi isto um ano antes que o santo Fundador passasse a melhor vida.

Morto D. Domingos Pascoal, o infante de Aragão D. Sancho foi eleito arcebispo de Toledo. Este Prelado pediu ao papa Urbano IV que fizesse bispo titular de Granada a seu mestre, para que em seu nome governasse o arcebispado e exercesse o ofício de Pastor. Foi-lhe preciso obedecer ao Sumo Pontífice, sacrificando em obséquio da obediência sua extrema repugnância a toda dignidade eclesiástica. Consagrou-se no ano de 1262 e logo se reconheceu nele um dos mais dignos sucessores dos Apóstolos. Tendo-se-lhe confiado o governo do arcebispado de Toledo, deu princípio a ele pela visita geral. Neste tempo fundou naquela cidade o convento de Santa Catarina de sua Ordem, onde viveu depois vida pobre e humilde como religioso. Não houve cidade, vila, povo nem aldeia que não mudasse de semblante pelos desvelos de semelhante Pastor. A disciplina eclesiástica, que não pouco se havia relaxado, recobrou seu antigo lustre, a Religião seu primitivo fervor e em toda a diocese se fizeram visíveis os efeitos de suas apostólicas excursões. Deu admiráveis providências para a reforma dos costumes; e como reinava muita ignorância nos eclesiásticos, mas sobretudo nos párocos, compôs um excelente livro para sua instrução, com o que em muito breve tempo se desterraram os abusos mais inveterados a esforços de sua vigilância pastoral.

Por outubro do ano de 1275 os mouros, em ódio da verdadeira Religião, mataram o infante arcebispo de Toledo entre Martos e Torrejimena. Então, ficando nosso Santo livre do governo daquela diocese, resolveu ir a Granada visitar e assistir a suas ovelhas. De passagem hospedou-o em Jaén o bispo D. Martim Domínguez. Ali pregou e logo em Baeza, onde recolheu abundantes esmolas para os cativos. Entrou pelo reino de Granada, visitou os povos, especialmente os da Serrania: trabalhou como bom pastor no proveito espiritual daqueles fiéis que, com a vizinhança dos mouros e com o estrago e licença das guerras, haviam chegado a grande corrupção de costumes. Para desterrar as superstições em que os achou cegos, escreveu um livro que está manuscrito no Escorial. Confirmou os que não o estavam, para que não lhes faltasse aquele soberano socorro em tão manifesto perigo: resgatou quantos pôde dos que tinham mais

aventurada sua salvação entre aquela gente. Voltado a Baeza, fundou um convento de sua Ordem, com o fim de que seus frades fizessem entradas naquele reino para socorrer os Cristãos e administrar-lhes os santos Sacramentos. Com o mesmo desígnio fundou outro convento em Jerez de la Frontera e logo o de Jaén, para que se recolhessem ali as esmolas de Castela e Andaluzia e se fizessem com mais segurança os resgates. Não lhe sendo possível residir em Granada, andou a pé com grande pobreza pregando por grande parte de nossa Península; entrou pelo Algarve e correu o reino de Portugal; em todas as partes fazia grande fruto e recolhia esmolas para seus cativos. Depois desta peregrinação voltou a Granada. Logo fez uma viagem a Roma no pontificado de Nicolau IV. Conheceu-o este Pontífice e ouviu-o pregar em Toledo, onde esteve sendo geral da Ordem de São Francisco. Quis que pregasse nas igrejas de São Pedro e de Santa Maria Maior e fez dele a estimação que devia e honrou-o como a santo Prelado. Fê-lo seu legado para com os reis da França e da Espanha, encarregando-lhe que pelo caminho fosse pregando a cruzada que havia publicado contra os infiéis.

Em Paris foi recebido com extraordinárias honras; esmerando-se o Rei, o clero e o povo em dar-lhe as maiores provas de seu respeito e de sua veneração. Seus sermões fizeram em Paris o mesmo fruto que em todas as partes. Moveram e converteram a muitos; mas nenhuma coisa lhe fez tanta honra como o zelo e a força com que defendeu publicamente o mistério da Imaculada Conceição da santíssima Virgem. Pregou-o com tanta energia, provou-o com tanta evidência, persuadiu-o com tanto fruto e tão universal aplauso que, estando em oração a noite seguinte, apareceu-lhe (ao que se assegura) a santíssima Virgem rodeada de uma luz resplandecente, acompanhada de imensa multidão de espíritos celestiais e, tendo-lhe manifestado quão grato lhe havia sido seu fervoroso zelo, pôs-lhe na cabeça por suas próprias soberanas mãos uma coroa de glória, inundando sua alma daqueles celestiais consolos que são como antecipados lampejos da eterna bem-aventurança.

Estando todavia na França, foi promovido ao bispado de Jaén com aprovação do papa Bonifácio VIII. Era à sazão toda aquela diocese como um terreno inculto, tendo carecido muitos anos de pastor. Achou seu zelo abundante matéria para a lavoura; mas em pouco tempo correspondeu a messe à fadiga do cultivo. Chegou o ano de 1297, em que ao santo Bispo pareceu preciso fazer outra viagem a Granada. Por mais que lhe representaram o perigo a que se expunha, tudo o venceu o desejo do martírio, que sempre havia sido sua paixão dominante. Não só trabalhou no resgate dos cativos, mas teve valor para empreender a conversão dos mouros. Qualificou-se isto por delito de Estado. Prenderam-no, encerraram-no num calabouço e carregaram-no de cadeias. A notícia chegou a Jaén e ao instante lhe enviaram uma grande soma de dinheiro para seu resgate. Recebeu-a com o maior agradecimento; mas em lugar de empregar aqueles cabedais em recobrar sua liberdade, todos os dispendeu em solicitar a de uma grande multidão de pobres cativos. Compôs em sua prisão muitos admiráveis tratados, tão enérgicos como convincentes, para voltar ao grêmio da Igreja os infelizes que haviam renegado a fé e para confirmar na Religião os que se mantinham nela. Por este tempo escreveu a Bíblia pequena, que é uma explicação dos mistérios de nossa santa fé, em língua limosina, para uso dos mercadores de Valência e Catalunha que viviam em Granada. Durante sua prisão foi admiravelmente consolado com muitas graças extraordinárias. Apareceu-lhe o mesmo Jesus Cristo mais de uma vez e sobre todas numa certa ocasião em que se lhe deixou ver sob a figura e o traje de um menino cativo. Por mais que lhe proibiam escrever contra a ímpia seita de Maomé e ainda que o encerraram mais e mais

estreitamente, nunca se deixaram escravizar sua caridade nem seu zelo. Compôs uma excelente obra contra as extravagâncias do Alcorão e outra segunda contra as impiedades daquela monstruosa seita. Sem embargo de ser muito escuro o calabouço onde o tinham encerrado, iluminava-o continuamente dia e noite um resplendor celestial. Desta maravilha foram testemunhas não só os guardas, mas o mesmo Príncipe mouro, que, assombrado dela, o pôs em liberdade, mas com rigoroso preceito de não falar palavra contra a seita de Maomé. Mas não pôde emudecer o zelo de nosso Santo; pregou e confundiu os marabutos, convertendo a muitos infiéis. Incitado e amotinado o populacho pelos doutores do Alcorão, acudiu tumultuariamente ao palácio do Rei, pedindo a cabeça do santo missionário. O Príncipe, ainda que bárbaro, estimava o Santo; temendo, não obstante, uma sedição, mandou prendê-lo ao instante e sentenciou-o a que lhe cortassem a cabeça. Notificaram-lhe aquela noite a sentença e ele a passou toda em dispor-se para o sacrifício que havia de colmar o cume de seus desejos. Sem embargo, suspendeu-se por alguns breves momentos sua alegria: acometeu-o de repente um vivo sobressalto e certa espécie de terror que lhe abateu o coração; mas muito logo voltou a seu antigo espírito com uma celestial visão que o encheu de consolo. Apareceu-lhe Jesus Cristo pendente da cruz, em meio de um brilhante resplendor e disse-lhe estas palavras: «Pedro, não te assustes porque a natureza faça seu ofício. Eu mesmo estive triste até a morte na noite antes de minha paixão e por teu amor padeci aquela amarga agonia.» Com estas palavras cessaram ao ponto os temores de nosso Santo, sucedendo à tristeza o valor e a alegria. Ao amanhecer celebrou o santo sacrifício da missa com tanto fervor que acreditava bem quão abrasado estava aquele coração no fogo divino que tão em breve havia de consumir a amorosa vítima. Mal se havia prostrado em terra para dar humildes graças quando entraram os bárbaros cheios de furor e cortaram-lhe a cabeça de um golpe de cimitarra. Assim consumou seu sacrifício este grande Santo, conseguindo a coroa do martírio no dia 6 de janeiro do ano de 1300, aos setenta e três de sua idade. Estavam muito determinados os mouros a reduzir a cinzas seu corpo, suas vestiduras pontificais e todas as alfaias que haviam servido a seu uso; mas apoderando-se de seu coração um repentino terror, deixaram inteira liberdade aos Cristãos para levar o santo cadáver e dar-lhe sepultura numa montanha perto de Macemoro. Tardou pouco o céu em vingar aquela morte com todo gênero de calamidades que choveram sobre a infeliz cidade de Granada; mas especialmente sobre a família do Príncipe mouro, o qual pereceu miseravelmente, confessando que o bispo de Jaén o castigava ainda nesta vida.

Mal chegou a Jaén a notícia de seu martírio, fizeram pôr sua imagem de gesso sobre a porta da capela do alcácer, dedicada desde sua conquista à Virgem das Mercês pelo santo rei dom Fernando. Os Reis católicos, logo que conquistaram a cidade de Granada, com consulta do venerável arcebispo Fr. Fernando de Talavera, edificaram um templo no lugar do martírio de nosso Santo, dedicado a seu nome. O R. P. José Sánchez, que era geral da Mercê pelos anos de 1670 e depois foi bispo de Segorbe, obteve do papa Clemente X a confirmação do culto público que se dava a nosso Santo. Em 28 de junho de 1673, a instâncias do geral Pedro de Salazar, concedeu à Ordem de Nossa Senhora da Mercê que celebrasse festa a nosso Santo com missa e ofício próprio de mártir pontífice. O mesmo concedeu a extensão de seu culto às igrejas de Granada, Valência e Jaén e por último à de Toledo.

Com o tempo o santo corpo foi trasladado à cidade de Baeza, onde continua Deus em honrar as sagradas relíquias com grande número de milagres. Porque a morte do santo Mártir sucedeu no dia 6 de janeiro, em que se celebra a festa da Epifania, o papa Clemente X fixou a de São Pedro

Pascoal ao dia 24 de outubro, em que se fez a trasladação de suas relíquias.

Além do livro contra a seita de Maomé e da Bíblia pequena, escreveu São Pedro Pascoal uma glosa do Padre-Nosso, uma explicação dos dez Mandamentos, em que satisfaz aos argumentos que lhe haviam feito os judeus e impugna as respostas que eles e os mouros haviam dado aos seus. Outro livro escreveu contra os que dizem que há fados (hados), venturas, horas minguadas, signos, planetas em que nascem os homens, necessitando-lhes a liberdade. Estes livros estão na Biblioteca de São Lourenço o Real. Sendo mestre do infante de Aragão, compôs em latim um tratado da educação cristã dos príncipes; sendo governador do arcebispado de Toledo, outro das obrigações dos párocos em ordem ao ensino dos fiéis e doutrinas para o cumprimento delas. Na Bíblia pequena prometeu escrever a vida de São Silvestre e nela referir os milagres que havia obrado Nosso Senhor Jesus Cristo pela cruz em que padeceu. Esta Bíblia imprimiu-se em Barcelona no ano de 1492.

# São Rafael, Arcanjo

A gratidão que exigem dos espanhóis tão repetidos benefícios como têm recebido do arcanjo São Rafael moveu toda a Igreja da Espanha a dedicar-lhe uma festa particular em que se celebre sua memória. Não satisfeita com as celebridades que se tributam a todos os Anjos da guarda em comum e aos arcanjos São Gabriel e São Miguel em particular, quis celebrar a memória de São Rafael, separada das demais, para manifestar a obrigação em que lhe está pelas graças recebidas e ao mesmo tempo excitar nos fiéis uma particular devoção para com este santo Arcanjo. Sua beneficência para com os homens consta das sagradas letras por testemunhos tão autênticos e ao mesmo tempo tão maravilhosos que sua notícia enche de satisfação o peito e recreia a alma com uma divertida e instrutiva lenda. Dela consta tudo quanto se sabe de São Rafael e da mesma resultam documentos morais tão proveitosos para regular a vida que merece uma particular relação e que o cristão a medite de contínuo; com cujo fim se insere aqui.

Refere-se no livro de Tobias que este santo Patriarca da tribo de Naftali era tão piedoso e temente a Deus que não havia obra virtuosa em que não se empregasse. Levavam com preferência sua atenção as obras de misericórdia e entre elas a de enterrar os mortos. Igualmente se exercitava em dar esmola; tanto que, entre todas as obras de caridade, esta era sua predileta, atribuindo-lhe com razão um poder maravilhoso para preservar do pecado e para alcançar a misericórdia. Deus permitiu a este santo varão várias aflições e trabalhos para dar nele ao mundo uma prova de resignação e de paciência e fazer ver os maravilhosos efeitos que produz sua divina graça nos que correspondem a suas inspirações. Fizeram-no cativo no tempo de Salmanasar, rei dos assírios; perdeu toda a sua fazenda e foi mandado matar pelo rei Senaquerib, por causa de que, perseguindo este ímpio os israelitas e mandando tirar-lhes a vida, teve notícia de que Tobias, em companhia de sua mulher e de seu filho, recolhia os cadáveres e lhes dava sepultura. Deste perigo se libertou com a fuga, tendo que estar escondido num lugar tão estreito que não lhe permitia vestido. Seguindo com suas obras piedosas, sucedeu certo dia que, voltando a sua casa fatigado do trabalho de enterrar mortos, deitou-se a descansar junto a uma parede e, caindo-lhe sobre os olhos a imundície de um ninho de andorinhas, deixou-o perfeitamente cego. Levou com paciência

este trabalho, que não lhe era tão sensível como os que lhe ocasionavam sua mulher e seus amigos. Estes lhe lançavam em rosto o nenhum fruto que havia tirado de suas decantadas obras de piedade; pois quando esperava que Deus lhas premiasse com benefícios, havia-se visto em perigo de perder a vida e à sazão se achava pobre e cego. Umas reconvenções tão mescladas de blasfêmia não podiam deixar de contristar um homem tão piedoso. Derramava lágrimas em presença do Senhor e com orações sumamente encarecidas lhe pedia que se dignasse dar-lhe consolo e remédio em tantos males.

No mesmo dia em que Tobias, sumamente aflito, fazia esta oração, dirigia a Deus as suas uma donzela por nome Sara, filha de Raguel, vizinho de Rages, cidade dos medos. Esta santa donzela havia sido casada sucessivamente com sete maridos e a todos eles havia tirado a vida na mesma noite das bodas um demônio chamado Asmodeu. Repreendeu uma de suas criadas por um descuido que havia tido e a criada, cheia de ira e enojo, lançou à sua ama em rosto aquelas desgraças, atribuindo-lhas a ela e chamando-a mata-maridos. Este baldão a angustiou de tal modo que, retirada a um lugar oculto de sua casa, se manteve por espaço de três dias e três noites sem comer nem beber, pedindo a Deus com muitas lágrimas e com oração muito encarecida que lhe tirasse aquele impropério ou a tirasse desta vida. O Senhor ouviu as orações de Tobias e de Sara e determinou enviar seu Anjo São Rafael para curar os dois, por quanto as orações de ambos haviam sido apresentadas a um mesmo tempo. Pensava Tobias que, em virtude de sua oração, se dignaria Deus tirá-lo dos trabalhos da vida e assim chamou a seu filho para abençoá-lo e dar-lhe as últimas instruções como costumavam os Patriarcas. Estas foram tão santas que merecem copiar-se à letra. Quando o teve em sua presença, disse-lhe desta maneira: «Ouve, filho meu, as palavras de minha boca e conserva-as em teu coração como fundamento de toda a tua conduta. Quando Deus tiver recebido minha alma, enterra meu corpo e honra a tua mãe enquanto viver, porque deves ter presente quantos e quão grandes perigos tem padecido por causa tua: e quando morrer, tem cuidado de sepultá-la junto a mim. Todos os dias de tua vida hás de ter a Deus presente e guarda-te de consentir alguma vez em pecado nem de quebrantar algum preceito de nosso Deus e Senhor. Faze esmola de tua fazenda e não apartes os olhos de nenhum pobre, porque desta maneira tampouco Deus apartará os seus de ti. Sê misericordioso, segundo te permitam tuas circunstâncias; se tiveres muito, dá muito; e se pouco, faze também com gosto esmola do pouco. Deste modo entesouras um bom prêmio para o dia da necessidade, porque a esmola livra de todo pecado e da morte e não permitirá que vá a alma às trevas. A esmola dará uma grande confiança a todos os que a fazem diante do sumo Deus. Guarda-te, filho meu, de toda fornicação e jamais intentes conhecer outra que tua mulher. Nunca permitas que domine a soberba em teus pensamentos nem palavras, porque ela foi o princípio de toda a perdição. Paga o salário imediatamente àquele que trabalhe para ti alguma coisa; e por nenhum acontecimento retenhas em ti o estipêndio do que te serve. O que não queiras que se faça contigo, tem cuidado de não o fazer tu jamais com outro. Reparte teu pão com os que têm fome e os necessitados e cobre com teus vestidos os que vires nus. Sobre a sepultura do justo põe vinho e pão, mas não comas nem bebas dele em companhia dos pecadores; pede sempre conselho àquele que seja sábio; bendize sempre a Deus e pede-lhe que dirija teus caminhos e que não se apartem dele teus conselhos. Também te advirto, filho, que, sendo tu menino, dei dez talentos de prata emprestados a Gabelo, natural de Rages, cidade dos medos, de que conservo recibo; e assim, vê como hás de ir lá para receber a dita quantidade de prata e restituir-lhe seu caução. Não temas, filho meu: na verdade passamos uma vida pobre; mas teremos muitos bens se temermos a Deus, nos apartarmos do

pecado e fizermos o bem.»

As últimas palavras do ancião, relativas à dívida de Gabelo, puseram o jovem em cuidado e assim representou a seu pai que seria dificultoso cobrar aquela quantidade, porque nem ele conhecia a Gabelo nem Gabelo a ele, nem tinha quem o dirigisse a seu povo. Consolou-o seu pai e mandou-lhe sair a buscar um caminhante que o dirigisse a Rages, que fosse bom e fiel para fazer a dita cobrança. Obedeceu Tobias o moço e, tendo saído de sua casa, encontrou um galhardo jovem, cingido já e disposto para viajar. Saudou-o Tobias e perguntou-lhe de onde era e se sabia os caminhos da província dos medos, ignorando que aquele com quem falava era o anjo de Deus São Rafael, que havia sido enviado para curar Sara e encher de bênçãos a casa de Tobias. A estas perguntas satisfez Rafael, certificando que sabia todos os caminhos dos medos e que havia estado com Gabelo, assinalando o lugar de sua morada. Logo que Tobias ouviu notícias tão favoráveis a seu intento, suplicou ao Arcanjo que esperasse um momento enquanto dava conta disso a seu pai. Este mandou-o vir à sua presença e, tendo precedido as mútuas saudações em que Tobias manifestou grande tristeza pela cegueira que padecia e São Rafael o consolou, assegurando-lhe que dentro de pouco o Senhor lhe daria remédio a sua cegueira, tratou-se da viagem projetada. O ancião Tobias fez ao Arcanjo todas as perguntas a que o estimulava o amor que tinha a seu filho e o desejo de sua segurança; mas tendo ficado perfeitamente satisfeito com as respostas do Arcanjo, dispôs-se tudo o necessário e puseram-se a caminho. Logo que o jovem Tobias se ausentou, começou a chorar sua mãe e a fazer sentidas exclamações, dizendo a seu marido que teria sido melhor que jamais houvesse existido semelhante dinheiro que haver exposto seu filho aos trabalhos e perigos de um caminho tão longo. Tobias, cheio de confiança em Deus e pressentindo de certa maneira todos os efeitos de sua misericórdia, consolou-a, certificando-a de que voltaria a ver seu filho são e salvo; porque, segundo cria, o Anjo bom de Deus ia em companhia de seu filho e o disporia tudo de um modo favorável e tão bem que voltasse à sua presença cheio de regozijo e alegria.

Saiu, pois, o jovem Tobias em companhia do arcanjo São Rafael à expedição projetada, levando consigo um cão, fiel companheiro dos trabalhos do homem. À primeira jornada fizeram mansão às margens do rio Tigre e, vendo Tobias a oportunidade, pôs-se a lavar os pés. Quando estava nesta operação, eis que um peixe monstruoso por sua magnitude e sua figura saiu do rio e acometeu a Tobias em ademane de devorá-lo. Espantou-se o jovem e deu vozes; mas o Arcanjo mandou-lhe que se abraçasse com o peixe e o tirasse fora da água. Obedeceu e imediatamente o peixe começou a palpitar a seus pés conforme ia perdendo a vida. Mandou-lhe o Arcanjo que o abrisse e lhe tirasse o coração, o fel e o fígado e o guardasse para fazer uso disso a seu tempo. O mais do peixe salgaram-no e reservaram-no para o caminho, tendo comido o que sua necessidade lhes pedia. Prosseguindo novamente sua viagem, entrou Tobias na curiosidade de saber para que efeito havia reservado aquelas três partes das entranhas do peixe. Satisfez-lhe o Anjo, dizendo: «Que, queimando uma parte do coração, servia seu fumo para enxotar todo gênero de demônios dos miseráveis que estavam obsessos e que o fel tinha virtude para curar os olhos dos que tinham cataratas.» Quando iam nesta conversação, haviam-se adiantado já bastante e perguntou Tobias ao Arcanjo onde lhe parecia que fossem tomar pousada. O Arcanjo, que viu que estavam já perto da casa de Raguel, onde havia de manifestar o objeto principal a que havia sido enviado por Deus, respondeu ao jovem: «Aqui perto vive Raguel, parente teu, o qual tem uma filha única chamada Sara, e quisera que a pedisses para esposa e deste modo te farias dono de todas as fazendas de

seus pais, que são imensas.» — «De muito boa vontade o faria, respondeu Tobias; mas tenho ouvido dizer que tem estado casada com sete maridos e que na noite das bodas o demônio lhes tirou a vida. Sentiria que me sucedesse a mim outro tanto, porque seria sumo a dor que causasse a meus pais minha desgraça.» — «Não temas, disse-lhe São Rafael, porque o demônio não tem potestade senão naqueles que contraem o matrimônio não por agradar a Deus e cumprir suas santas ordenações, mas para entregar-se aos excessos de sua luxúria, como o cavalo e o mulo que carecem de racionalidade. Não assim tu; mas, ao receber-la por esposa, te conterás por três noites e nelas te empregarás em sua companhia no exercício da oração. E na primeira noite queimarás um pedaço do coração do peixe e o demônio será enxotado. Deste modo serás salvo de todos os males e serás participante em teus filhos das bênçãos feitas a Abraão.»

Não teve que replicar Tobias e assim foram à casa de Raguel, o qual, mal soube que era seu sobrinho, abraçou-o e fez todas as demonstrações de alegria e agasalho. Mas logo que viu que lhe pedia a filha por esposa, contristou-se sumamente, temendo que teria a mesma sorte que haviam tido os outros infelizes. Persuadiu-lhe o contrário São Rafael e suas persuasões tiveram tal efeito que Raguel ficou inteiramente persuadido. Celebrou-se o matrimônio com grandes banquetes e, vinda a noite, introduziram Tobias e Sara no aposento que lhes estava preparado. Sossegadas todas as coisas e persuadido Raguel de que Tobias estaria já morto como os outros sete maridos de Sara, chamou seus criados por volta da meia-noite e mandou-lhes que fizessem a sepultura para enterrar nela a Tobias antes do amanhecer, caso que houvesse morrido. Mas lembrando-se o santo jovem das instruções do Arcanjo, tirou de seu guarda-comida um pedaço do coração do peixe e pô-lo sobre umas brasas acesas em seu aposento. Então o arcanjo São Rafael agarrou o demônio e, atando-o, deixou-o preso no deserto do alto Egito. Tobias, por sua parte, persuadiu a sua esposa a passar a noite em oração, no que ela consentiu de bom grado, e de tudo resultou o efeito desejado; porque, tendo persuadido Raguel a sua mulher Ana que enviasse secretamente uma de suas criadas ao aposento de Sara para averiguar o que havia sucedido, esta voltou alegre com a feliz notícia de que os esposos estavam dormindo sem a menor novidade. Voltaram a tapar a sepultura e de manhã dispôs-se um grande convite e fez Raguel a Tobias uma escritura da metade do que possuía, que dava em dote a sua filha por então, declarando ao mesmo tempo que a outra metade lhe havia de pertencer também depois de sua morte.

A satisfação e a alegria eram em todos as maiores que se podiam apetecer. Raguel e Ana transbordavam de gozo vendo sua filha livre já da tirania do demônio e casada com um primo seu de tão santos costumes como seu pai. Tobias e Sara, por sua parte, tinham todo o gosto que cabe justamente aos recém-casados e, além disto, o gozo que viam em seus anciãos pais; e o Arcanjo, finalmente, como autor que era de tantas felicidades, entrava na parte nas comuns alegrias. Para celebrá-las com todo o vagar e solenidade que o caso merecia, dispôs Raguel que Tobias permanecesse em sua casa por espaço de duas semanas. Contristar seu sogro, negando-lhe uma petição tão justa, não cabia em seu coração; por outra parte previa que, se tardavam mais tempo do que tinham consentido seus pais, creriam que lhe havia sucedido alguma desgraça e podia custar-lhes a vida. Chamou, pois, o Arcanjo e rogou-lhe que, tomando o necessário para a viagem, fosse fazer a cobrança da dívida de Gabelo. Consentiu o arcanjo São Rafael na proposta; marchou a Rages, fez sua cobrança, deu parte a Gabelo do que se passava com o jovem Tobias e trouxe-o consigo à casa de Raguel para que fosse participante da alegria de todos. Entretanto, tendo passado o dia fixo em que Tobias devia chegar a sua casa, seus pais, e principalmente sua mãe,

desfaziam-se em lágrimas, temendo que lhe houvesse sucedido algum infortúnio. Chorava Ana inconsolavelmente e no extremo de sua dor dizia: «Ai, ai, filho meu! luz de nossos olhos, cajado de nossa velhice, consolo de nossa vida e esperança de nossa posteridade, para que te enviaríamos a uma viagem tão longa? Ah! tendo em ti só nosso bem e todo o nosso consolo, não devíamos ter permitido que te separasses de nós.» Tobias a consolava com quantas razões se podiam imaginar e principalmente propondo-lhe a bondade e fidelidade daquele varão em cuja companhia o havia enviado. Mas Ana não recebia consolo algum; chorava sem cessar, saía aos caminhos, subia aos lugares mais elevados para ver se de lá podia descobrir a seu filho. Este, que conhecia bem o cuidado em que estariam seus pais, sem embargo das muitas instâncias que lhe fez seu sogro para que permanecesse mais tempo em sua companhia, determinou pôr-se a caminho. Raguel, vendo sua resolução e que não havia modo nem meio de apartá-lo dela, entregou-lhe a metade de sua fazenda em dinheiro, gado e alfaias e assim mesmo a sua filha Sara, com grande acompanhamento de criados e criadas, e tendo-se despedido com muitas lágrimas, abraços e ternura, deixaram-nos ir.

O anjo São Rafael, que atendia a tudo e que conhecia a amargura e aflição em que estariam Tobias o ancião e sua mulher, persuadiu o jovem, depois de haver andado um trecho de caminho, que se adiantassem os dois a marchas forçadas para não fazer maior e mais prolongada a pena de seus pais, mas antes bem antecipar-lhes o mais que fosse possível a notícia de tantas venturas. Fizeram-no assim e ao tempo de marchar disse São Rafael a Tobias: «Leva contigo algum tanto do fel do peixe, porque será necessário dentro de pouco.» Ana, a mãe de Tobias, estava segundo seu costume no cume de um monte avistando se vinha seu filho, quando eis que o descobriu ao longe e, correndo exalada, avisou disso a seu marido. O cão que havia ido com o jovem Tobias adiantou-se igualmente e com seus afagos manifestava que já seu amo vinha perto. Chegou finalmente o jovem em companhia de São Rafael e, sentindo-o seu pai, levantou-se com presteza e, tropeçando e caindo, como costuma dizer-se, lançou-se a correr para abraçar seu filho. Os abraços, as lágrimas, a alegria e o regozijo foram recíprocos e extraordinários. Deram graças a Deus e o adoraram; e tomando o jovem Tobias do fel do peixe, como São Rafael lho tinha prevenido, untou a seu pai nos olhos e imediatamente lhe caíram deles como umas escamas e ficou-lhe a vista clara e perfeita. Bendisse a Deus o ancião e todos quantos o conheciam, e multiplicou-se seu gozo quando dali a sete dias viu entrar pelas portas de sua casa a formosa Sara com tão grande comitiva de criadas e criados e ao mesmo tempo tanta riqueza. Celebrou-se esta felicidade por sete dias contínuos, nos quais se celebraram grandes banquetes, e chegou a alegria não só aos amigos e parentes, mas aos mais apartados.

Sossegados os primeiros movimentos do regozijo e conhecendo o ancião Tobias que todo aquele cúmulo de bens lhes havia vindo por São Rafael, chamou à parte seu filho e disse-lhe: «Com que poderemos agradecer, filho meu, os bens que te tem feito este bom jovem que tem ido e vindo contigo?» Ao que respondeu Tobias: «Pai, eu não sei que prêmio se lhe possa dar que manifeste bem nosso agradecimento e seja digna recompensa das mercês que dele temos recebido. A mim me levou e me trouxe são; ele cobrou a dívida de Gabelo; ele fez que Sara fosse minha esposa e enxotou dela o demônio: ele encheu de alegria o coração e a casa de seus pais; eu lhe sou devedor da vida, pois me libertou do peixe que ia já a devorar-me; a ti também te tem restituído a vista, fazendo que vejas a luz do céu; numa palavra, ele nos tem colmado de todos os bens e felicidades. Suplicai-lhe, pois, pai meu, que se digne receber ao menos a metade de tudo quanto temos

trazido.» Este conselho e parecer de Tobias o jovem achou toda a aceitação que merecia em seu ancião pai e, chamando à parte o arcanjo São Rafael, o pai e o filho começaram a suplicar-lhe com o maior encarecimento que, em recompensa dos grandes favores que lhes havia feito, se dignasse aceitar a metade de quantos bens haviam trazido. Então São Rafael, encarregando-lhes o segredo, disse-lhes desta maneira: «Bendizei a Deus do céu e dai-lhe graças diante de todos os viventes, porque usou convosco de sua misericórdia.» Acrescentou a estas outras palavras e sentenças que contêm documentos muito importantes para a vida espiritual e que se contêm na epístola deste dia. Até aquele ponto lhes havia ocultado seu verdadeiro nome e pessoa; pois quando Tobias lhe perguntou quem era, respondeu-lhe o Arcanjo que era Azarias, filho de Ananias o grande, porque na verdade o corpo aéreo que havia tomado para executar os ofícios referidos era parecido ao de Azarias. Mas já estando para partir-se para aquele que o havia enviado, julgou devido descobrir-lhes todo o segredo e assim concluiu seu razoamento, dizendo: «Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que estamos diante do Senhor.» Ao ouvir isto, os dois Tobias se turbaram e cheios de temor caíram de bruços sobre a terra. Então lhes disse São Rafael: «A paz seja convosco, não temais, porque, quando eu estava convosco, estava por vontade de Deus; bendizei-o e cantai seus louvores. Na verdade, parecia que eu comesse e bebesse convosco; mas eu me sirvo de uma comida invisível e de uma bebida que não está sujeita à vista dos homens. Já, pois, é tempo de que me volte para aquele que me enviou; vós bendizei a Deus e contai todas as suas maravilhas.» Dito isto desapareceu diante de seus olhos e não puderam voltar a vê-lo mais. Então, atônitos ao ver as misericórdias de Deus, prostraram-se de bruços por espaço de três horas, bendizendo a Deus que tanto os favorecia. Levantaram-se depois e deram conta à grande comitiva do que lhes havia passado e de como aquele jovem, que tantos benefícios lhes havia feito, era o anjo São Rafael, um dos primeiros espíritos que há no céu. Deram todos graças a Deus, que por meio de seu Anjo havia derramado tantas bênçãos na casa do justo Tobias.

Nesta história se compreende tudo quanto se sabe de São Rafael e ao mesmo tempo se insinuam os motivos que tem tido a Igreja da Espanha para celebrar sua memória com uma festa particular, distinta da dos demais Anjos. Quando se tratou da custódia que fazem estes aos homens na festividade do Anjo da guarda, que se celebra o dia 2 de outubro em toda a Igreja, disse-se o suficiente para entender a natureza e ofícios dos espíritos celestiais. Quanto se contém nas sagradas Letras e o mais principal em que convêm os Padres está ali dito e seria inútil repetir aqui uma doutrina que pode ver-se naquele dia; mas São Rafael tem sobre os demais Anjos a particularidade de ser destinado por Deus para cuidar da saúde dos homens. Este ofício se vê claramente em toda a sua história, reduzida principalmente a dois fatos, que foram curar Sara da opressão do demônio e Tobias da cegueira. Isto mesmo reconhece a Igreja da Espanha, dando-lhe no ofício eclesiástico o título de médico de nossa saúde; e isto, finalmente, testifica o nome do mesmo Arcanjo, pois Rafael quer dizer medicina de Deus. Assim o têm reconhecido a maior parte das igrejas e cidades da Espanha nos casos mais apurados de pestes e mortandade; e quando faltasse todo outro testemunho, bastaria para persuadir aos espanhóis sua singular proteção dois maiores de toda exceção e comprovados por uma multidão de povo imenso que os assegura. O primeiro é da religião de São João de Deus, cujos hospitais estão sob a proteção e tutela de São Rafael arcanjo; e ainda que à exata observância de um instituto tão evangélico e tão proveitoso à sociedade pode atribuir-se a curiosidade, a limpeza e a isenção de contágio que aparecem nos hospitais desta religião sagrada; sem embargo, os mesmos religiosos, fazendo sacrifício à verdade

de seu próprio interesse, confessam que o patrocínio de São Rafael arcanjo tem a maior parte nestes benefícios; e em reconhecimento desta verdade em todos os seus conventos lhe celebram festa e devotos novenários, protestando sua piedade e reconhecimento e excitando a iguais sentimentos os fiéis. O segundo testemunho é da cidade de Córdova, cuja igreja se crê das primeiras da cristandade em celebrar a festa de São Rafael. O Arcanjo é patrono da cidade e esta tem reconhecido sempre sua proteção em tantos casos que deles sós poderia formar-se uma história. O magnífico triunfo dedicado ao santo Arcanjo, em cujo cume está sua estátua, obra magnífica e custosa pela matéria e excelente pelo artifício, é a prova mais convincente da obrigação em que estão ao santo Arcanjo os cordoveses, posto que tão custosamente explicam sua gratidão. É tradição entre eles que no recinto da cidade não pode cair raio nem centelha, em virtude do patrocínio de São Rafael, que tem dada palavra de libertá-la destes males. A experiência de tantos séculos acredita que não é uma tradição vã; porque se necessita fechar os olhos da razão e fazer-se desentendido das regras de boa crítica para atribuir este fato a pura casualidade. Como quer que seja, o dito até aqui é suficiente para conhecer os poderosos motivos com que a Igreja da Espanha celebra esta festividade e assim mesmo os que têm todos os fiéis para esperar prudentemente que em suas enfermidades os favoreça o santo Arcanjo e, nesta confiança, implorar com humildade e devoção seu patrocínio.

# São Bernardo Calvó, Bispo de Vic

São Bernardo Calvó, decoroso ornamento da reforma de Cister, um dos prelados mais ilustres que têm brilhado na Igreja da Espanha, nasceu numa casa de campo da paróquia de Vilaseca, no arcebispado de Tarragona, chamada o Mas Calvó, da qual tomou o sobrenome de Calvó ou Calvão. Desde muito menino manifestou indícios nada equívocos da eminente santidade a que chegou com o tempo, porque se manifestava muito amigo de servir a Deus e muito afeiçoado à virtude. Dedicou-se às letras; e sempre que havia de estudar punha-se antes em oração, rogando a Deus que o alumiasse e ensinasse doutrina do céu: por este meio adquiriu altíssimo conhecimento da cristã teologia. Esta faculdade a estudou em Lérida, cuja escola ficou honrada e edificada com tão digno aluno. Acabada a carreira dos estudos, com aplauso universal, solicitaram-no vários prelados eclesiásticos, para honrar suas igrejas com um sujeito de tão eminentes virtudes e de tão grande sabedoria; mas desprezando o devoto jovem todas as honras e todas as dignidades deste mundo, só desejava ocupar-se no negócio importante de sua eterna salvação em algum dos claustros religiosos. Pôs os olhos no mosteiro de Santas Cruces, da reforma de Cister, e pediu ao abade com humildes rogos que o admitisse entre os indivíduos daquela ilustre comunidade. Querendo o abade provar a vocação do pretendente, respondeu-lhe que esperasse quarenta dias e depois deles lhe voltaria resposta. Passou este tempo o servo de Deus em fervorosa oração e em rigorosos jejuns, distribuindo entre os pobres de Jesus Cristo tudo quanto tinha, que não devia ser muito, sendo pobre estudante; e reiterando suas súplicas ao mesmo prelado, acabados os quarenta dias, disse-lhe o abade que tivesse paciência até a Páscoa do Espírito Santo, cuja festividade estava próxima, e que entretanto encomendasse seu negócio a Deus, suplicando-lhe que se dignasse assistir à recepção daquele santo hábito. O servo de Deus o fez tão deveras que jejuou sete dias sem tomar outro alimento que um pouco de pão e de água. Veio a festividade de Pentecostes e o abade deu-lhe o hábito.

Se foi grande o gozo que Bernardo teve, havendo alcançado o que tanto desejava, não foi menor o sentimento de seus parentes quando souberam sua determinação. Durante o ano de noviciado valeram-se de quantos artifícios pôde sugerir-lhes o amor e a indústria, a fim de obrigá-lo a deixar o hábito que vestia: empregaram rogos, razões, reflexões, lisonjas e até ameaças para arrancar-lhe a vocação. Mas conhecendo o devoto jovem que só o Senhor seria o que poderia livrá-lo de um combate tão violento, pediu-lhes por último que pensassem nisso três dias e neste tempo rogassem a Deus que lhes desse a conhecer sua divina vontade. Despedidos seus parentes, passou Bernardo este tempo em fervorosa oração, em rigorosos jejuns e em assombrosas penitências, pedindo ao Senhor que iluminasse seus parentes para que não o molestassem; e tendo sido ouvidas suas reverentes súplicas, transtornou o céu o coração de seus parentes de sorte que, voltando arrependidos ao mosteiro, pediram perdão a Deus de joelhos ante o abade, em presença do servo de Deus, por sua imprudente solicitude.

Acabado o ano de noviciado, fez Fr. Bernardo profissão com grande contento seu; e querendo mostrar-se agradecido a um favor tão singular, fez empenho de portar-se daí em diante com toda a perfeição que exigia a reforma de Cister, o que conseguiu à custa de seu infatigável anelo em adquirir todas as virtudes religiosas: sua vida era um exemplar de penitência, de obediência, de castidade e de todas as demais virtudes. Nem por isto deixou o estudo das letras sagradas, com o fim de ser útil à Igreja, para o que se dedicou com um ardoroso zelo ao ministério da pregação e logrou para Deus maravilhosas conversões de pecadores arrependidos, sem que houvesse algum tão obstinado que pudesse resistir ao fogo de amor divino que o ilustre missionário comunicava a seus ouvintes.

Morreu o abade do mosteiro de Santas Cruces e, como as eminentes virtudes de Bernardo eram tão conhecidas na comunidade, toda ela pôs nele os olhos para sucessor do defunto. Em vão solicitou escusar-se por quantos meios pôde sugerir-lhe sua profunda humildade, porque, persuadidos os religiosos da grande utilidade que resultaria àquela ilustre casa de ter por superior uma pessoa de tanto mérito, insistiram na eleição a despeito da resistência de Bernardo. Admitiu por fim o cargo compelido da obediência, mas a nova dignidade só serviu para que mais brilhassem suas eminentes virtudes: tão humilde, tão mortificado e tão exato quando superior como quando noviço e quando simples religioso. Seu fervor e seu exemplo eram as lições que dava aos monges, os quais, notando que seu santo Pai era o primeiro que ia adiante em todos os exercícios da vida regular, acenderam-se em vivíssimos desejos de imitar suas ações para aspirar ao cume da perfeição a que eram chamados.

Não podia o ardente zelo que tinha Bernardo pela salvação das almas estreitar-se dentro dos muros do mosteiro e, tendo-o dotado o Senhor de uns talentos extraordinários e de uma poderosíssima eloquência para a pregação, saía com muita frequência a ilustrar os povos de todo aquele país com a luz da doutrina evangélica, logrando para Deus inumeráveis conversões de pessoas extraviadas do caminho da salvação. Tinha o servo de Deus um rosto formosíssimo e, olhando-o com muita curiosidade certas mulheres, começaram a elogiar sua beleza, admirando-se de que tivesse tão brancos e tão iguais os dentes sem a menor diligência, quando elas mal os podiam conservar assim com exquisito cuidado. Soube o servo de Deus por inspiração divina a vã curiosidade e, elegendo por tema em um de seus sermões aquelas expressões do Evangelho em que diz Jesus Cristo: «Se teu olho ou teu pé te escandaliza, corta-o e arroja-o de ti», quebrou com

uma pedra os dentes à vista do concurso e, atirando-os com generosidade aonde estavam as mulheres, disse: «Vede, miseráveis, que a preciosidade dos dentes e esta formosura que tanto haveis elogiado não são outra coisa que ossos pútridos e carne que se há de converter em comida dos vermes na sepultura: invejai as coisas espirituais, que são as que condecoram a alma, para que possais merecer a vida eterna, que não se adquire com a vã e transitória formosura do corpo.» Sentiram os monges aquela heroica ação de seu amado Pai, crendo que com a falta dos dentes não poderia falar com inteireza nem tomar o alimento necessário; mas foi tão ao contrário que aquela falta não lhe serviu do menor detrimento nem para as pregações nem para a comida.

Pregando o Santo no território de Lérida, entrou em casa de certos senhores que o convidaram; e lendo seu companheiro a santa Escritura ao tempo de comer, como tinha de costume, certa calandra ou canário interrompia a leitura com seu canto. Mandou-a Bernardo calar em nome de Jesus Cristo e foram tão eficazes suas palavras que ficou como morta na gaiola. Sentiu-o muito a dona da casa; mas logo que se acabou de comer e se concluiu a leitura, deu o servo de Deus permissão à avezinha para que cantasse, como o fez com mais suave harmonia que até então, com admiração de todos os circunstantes.

Aconteceu algum tempo depois que, tendo juntado as messes na eira junto ao mesmo edifício, alguns filhos de perdição, desejando pôr fogo ao convento e queimar aos monges seu sustento, puseram fogo nas messes, o qual se acendeu logo causando grande espanto. Avisado o servo de Deus, veio logo onde estava o incêndio e vendo o dano iminente, pois o fogo ia apoderando-se já da sacristia, lançou em cima dele sua santíssima Vera Cruz, confiando no favor de Jesus Cristo, que nela nos redimiu e livrou do inferno, e logo ao instante o fogo se apagou milagrosamente, ficando as messes intactas como se tal coisa não houvesse sucedido.

Em outra ocasião foi o santo Abade a pregar a quaresma no território de Lérida e, tendo acabado sua pregação, voltava-se a seu convento e, quando esteve a uma légua da cidade, desviou-se do caminho, onde se deteve grande espaço. Maravilharam-se, pois, os que iam com ele de sua tardança; foram lá e, achando-o de joelhos, perguntaram-lhe o motivo. Respondeu que naquela hora havia morrido um religioso de seu mosteiro e que então os monges de seu convento estavam também de joelhos ao expirar do dito religioso, acrescentando que havia visto os Anjos que levavam sua alma ao céu com grande alegria. Chegaram por suas jornadas ao mosteiro e acharam ser verdade que naquela hora e ponto o dito religioso acabou a vida e lhe foi feita sepultura, como havia dito no caminho o servo de Deus.

Tendo falecido o bispo de Vic, como as eminentes virtudes do Santo eram tão notórias em todo o principado da Catalunha, foi promovido àquela cátedra por universal consentimento de todo o clero e de todo o povo. Não foi tão fácil a admissão em Bernardo como havia sido a eleição; pois se manteve inflexível às mais fortes instâncias dos eleitores, até que recorreram ao Papa em solicitação de sua confirmação e de suas letras apostólicas para obrigar o servo de Deus a que aceitasse, o que fez por obediência ao Vigário de Jesus Cristo. Não ignorava o santo Prelado os formidáveis encargos da dignidade episcopal; mas cheio de confiança naquele Senhor que lha impôs, esperando de sua piedade todas as luzes necessárias para cumprir fielmente tão árduo ministério, aplicou-se a desempenhar todos os seus deveres com aquela vigilância e com aquele zelo que exige o Apóstolo dos perfeitos prelados colocados no candelabro da Igreja.

Quis que o exemplo fosse a lição mais eficaz que suas palavras; e não lhe embaraçando a obrigação de viver como bispo à de viver como monge, continuou com os mesmos exercícios religiosos que havia observado no claustro: mas distinguindo-se sobretudo na pobreza evangélica e na frugalidade de sua mesa, teve meios para socorrer toda classe de necessitados, tendo nele os pobres, os órfãos e as viúvas um pai, um tutor e um defensor, com cujos gloriosos títulos o chamavam a boca cheia.

Estava muito recente no bispado de Vic a memória dos mouros que ocuparam muitos anos aquele terreno; e querendo o santo Prelado apagar de todo as relíquias que ficaram dos infiéis e dar a um mesmo tempo a suas ovelhas a correspondente instrução da doutrina cristã, visitava sua diocese de dois em dois anos conforme ao que dispõem os sagrados cânones e era cada visita não como quer que seja uma reforma, mas uma visível transformação dos costumes do povo; portando-se com todos com tanta doçura, com tanto amor e com tanta benevolência que, feito dono das vontades de seus súditos, todos o amavam como a pai e todos o reverenciavam como a santo, correspondendo o rendimento de suas ordens ao zelo com que as dispensava; sendo o anjo da paz nas renhidas contendas, posto que o Senhor lhe concedeu o dom especial de compor discórdias.

Tinham por então os mouros o reino de Valência; e aceso Bernardo no mais ardente zelo de dilatar o reino de Jesus Cristo, exortou seus feudatários e outros muitos poderosos cavaleiros cristãos para que fizessem guerra aos infiéis. Juntou com efeito um valoroso exército e, dirigindo por si a expedição, conquistou aos árabes muitas vilas, castelos e lugares daquele reino, fazendo-lhe o Senhor tanto favor que sempre que os seus entravam em batalha ficavam vencedores e alcançavam vitória dos mouros. Mas bem entendiam todos que suas vitórias as deviam mais às fervorosas orações do Santo que ao poder das armas. Estes lugares que conquistou o santo D. Fr. Bernardo Calvó deu-os o rei D. Jaime I de Aragão, que então reinava, a seu bispado de Vic. Mas depois outros reis os trocaram com as baronias de Artés, Sellent e outras, como se vê largamente nos autos do patrimônio do bispado de Vic. Depois destes triunfos voltou a sua igreja e querendo o Senhor manifestar quão agradável lhe havia sido aquele serviço, ao chegar a como meia légua de Vic, tocaram-se por si mesmos os sinos e alegrou-se todo o povo com a vinda de seu amado Pastor; cujo sinal continuou depois não poucas vezes quando regressava de algumas importantes ausências.

Saiu Bernardo a tranquilizar certas renhidas discórdias que ocorreram entre os cavaleiros e os habitantes dos castelos e lugares de Urgel e Segarra; e ao chegar a um lugar chamado Coll de Malla, tangeram-se por si os sinos como tinham de costume. Levantou-se um vento furioso que turbou com o pó todo o caminho e, impacientando-se o Santo contra o elemento, deixaram de tocar os sinos. Conheceu Bernardo que havia ofendido a Deus com aquela impaciência e, compungindo-se até o sumo, determinou dar ao Senhor satisfação por meio da mais severa penitência. Nomeou um vigário geral para que governasse sua igreja e, não contente com as assombrosas mortificações e com os rigorosos jejuns com que castigava seu inocente corpo, cingiu-se com um cinto de ferro áspero e pesado, resolvido a não tirá-lo no resto de sua vida. Neste estado determinou partir a Valência a pregar a fé aos mouros, ansioso de padecer martírio: e tendo-se embarcado numa nau que estava para fazer-se à vela, logo que esteve em alto-mar levantou-se uma borrasca tão desfeita que, não podendo os navegantes governar a nau por haver rompido a fúria dos ventos o mastro e as velas, viram-se todos em iminente perigo de naufragar

irremissivelmente. Pôs-se em oração Bernardo, pedindo a Deus que salvasse tantos inocentes, posto que só ele era o pecador; e ouvidas suas reverentes súplicas, ficou o mar tranquilo e sereno. Agradecido o Santo a este singular favor, quis acrescentar sua mortificação e, oprimindo-se mais o cinto de ferro que levava, fechou-o com a chave e arrojou-a ao mar para não ter à mão o instrumento com que aliviar semelhante penalidade.

Vendo Bernardo que não teve efeito sua viagem a Valência, rogou aos marinheiros que o conduzissem às ilhas de Maiorca e de Menorca, também ocupadas pelos mouros, para satisfazer seus desejos; mas tendo-lhe respondido que não podiam dirigir a nau aonde quisessem por estar desmantelada, ficando estes adormecidos pela noite cansados da tormenta passada, pôs-se só o Santo em oração, pedindo a Deus que os levasse a porto seguro. Não faltou o Senhor a seu fidelíssimo servo e, levantando-se um vento rápido mas suave, pela manhã acharam-se todos em Barcelona. Foi-se Bernardo a um dos mosteiros fora da cidade, o qual, segundo parece, era São Cucufate do Vallés, ou talvez o da Cartuxa, onde deu graças ao Senhor, rogando-lhe que encaminhasse seus intentos a seu serviço. Na quarta-feira seguinte a sua chegada, o convento fez provisão de peixe e, passeando o santo Bispo pelo mosteiro, viu o cozinheiro que aparelhava a comida e, desentranhando um peixe grande, achou dentro dele uma chave. O devoto Prelado conheceu logo que era a chave de seu penoso cinto que ele havia lançado no mar; e tomando-a foi logo à igreja diante do santíssimo Sacramento, onde deu graças a Deus pela mercê. Conheceu também com aquilo que Deus por sua misericórdia lhe havia perdoado seu pecado; e considerando por todos os portentosos sucessos que lhe ocorreram que o Senhor queria que voltasse a sua igreja, pôs-se a caminho para Vic. Tocaram-se os sinos como costumavam antes de chegar ao povo e, conhecendo os cidadãos por este sinal que não estava muito distante o santo Prelado, saíram a recebê-lo em procissão, ansiosos de ver o que esperavam com entranháveis desejos.

Começou Bernardo com novo fervor e com novo alento a exercer todas as funções de seu ministério episcopal e, querendo Deus manifestar a eminente santidade de seu fidelíssimo servo, fê-la demonstrável com repetidos milagres. No ano seguinte a sua chegada a Vic gelaram-se inteiramente as vinhas, à força dos crus gelos que ocorreram no país, e tendo ordenado o Santo a seu mordomo pelo mês de setembro que dispusesse os vasos de sua adega para recolher a colheita, respondeu-lhe este que era ociosa a prevenção por não havê-la. Mandou-lhe o servo de Deus que trouxesse as uvas que encontrasse nas vinhas, nas quais só houve três cachos e, lançando sobre eles sua bênção, ordenou ao mordomo que os espremesse nas vasilhas, as quais se acharam cheias de vinho mais superior que o dos anos precedentes. Dispôs o venerável Prelado que se distribuísse diariamente no povo; e continuando o Senhor seus prodígios, em lugar de diminuir-se crescia o vinho milagrosamente com admiração de todos quantos chegaram a saber tão extraordinária maravilha. Igual prodígio obrou em outro ano de tanta escassez de chuvas que não se colheu coisa alguma no território de Vic. Deu ordem o santo Prelado, em vista da necessidade, que se recolhesse em seu palácio todo o trigo de dízimos que tinha nos celeiros de sua diocese; fê-lo moer para reparti-lo entre os pobres e distribuindo-o diariamente por si mesmo, depois de celebrar o santo sacrifício da missa, sempre sobrava pão com abundância, ainda que fosse imenso o número dos necessitados, pelo que entenderam claramente todos que era a mão poderosa de Deus a que o multiplicava pelos méritos de seu amado servo.

Outros muitos e grandes milagres obrou o bem-aventurado bispo Fr. Bernardo, porque muitos cegos por suas orações cobravam vista, os surdos o ouvido, os coxos o caminhar, os tolhidos se valiam de seus membros e a todos exortava que deixassem o pecado e perseverassem na virtude, que Deus onipotente em semelhantes casos era todo misericórdia. Nunca cessava quando tinha oportunidade de pregar e era muito prudente e severo em extirpar os vícios públicos. Dedicava-se frequentemente à administração do sacramento da Penitência e rogava com grande amor e caridade a seus clérigos que se empregassem nisto e que para isso se preparassem com oração e doutrina e que sem a oração não se pusessem no confessionário.

Assim viveu este ditoso Prelado o que lhe restava de vida com grande santidade. Adoeceu e, entendendo que se despedia deste mundo miserável, fez-se trazer os salmos penitenciais e disse-os com grande contemplação, exortando a todos os seus a que fizessem penitência: assim se preparou para morrer no ósculo do Senhor depois de haver recebido os últimos Sacramentos. Foi seu ditoso trânsito a 26 de outubro do ano de 1243, reinando no principado da Catalunha o sereníssimo príncipe D. Jaime I deste nome. Foi grande a pena e tristeza que tiveram de sua morte não só o clero de Vic, mas também os cidadãos e todo o seu bispado por quanto o queriam. Estiveram oito dias sem enterrá-lo e em todo este tempo nunca deu de si mau cheiro; antes bem, se milagres obrou Deus nosso Senhor na vida do Santo por sua intercessão, muitos mais obrou sendo morto. Passados os oito dias, antes de sepultá-lo, veio grande concurso de gente a vê-lo e todos os que o tocavam e estavam em necessidade achavam remédio. Depositaram-no num magnífico sepulcro de mármore perto da pia batismal de sua igreja, onde é tido em grande veneração, e se tem dignado o Senhor continuar obrando pela intercessão de seu servo repetidíssimos milagres, dos quais constam justificados cento e quatro, com a simplicidade que costumavam os antigos, no sumário feito no ano de 1244 pelos cônegos de Vic Ramón Cabreta e Ramón de Sala, de comissão do bispo daquela igreja, a instâncias de seu cabido. Domènech viu a vida deste servo de Deus escrita em língua limosina por um escritor vizinho àqueles tempos. Por decreto da sagrada Congregação dos Ritos de 22 de julho do ano de 1723 foi concedido ao clero secular e regular do bispado de Vic que celebrasse a festa de São Bernardo no dia 24 de outubro, com rito duplo de segunda classe.

# São Martirião ou Martiriano, Bispo e Mártir, Patrono de Bañolas

*Nota: Domènech, em sua* História dos Santos da Catalunha, *diz que tirou esta vida das lições das matinas do mosteiro de Santo Estêvão de Bañolas, da Ordem de São Bento, a qual temos julgado conveniente continuá-la aqui íntegra, tal qual a escreveu o citado autor e se lê em sua referida história.*

O glorioso São Martiriano foi italiano, natural da cidade de Florença, na Toscana, filho de pais nobres mas gentios. Chamava-se seu pai Zelopo e sua mãe Eufrágia. Em sua terna idade deu sinais do que havia de ser, porque, sendo de nove anos de idade, ocupava-se já em jejuns, orações e ia

sempre vestido de cilício.

Aos doze anos morreram-lhe os pais e, entrando na igreja, um dia ouviu aquelas palavras do Evangelho: «Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e segue-me»; fê-lo assim o jovem Martiriano, dando todos os seus bens aos pobres. Aconteceu que, estando uma noite em oração, ouviu uma voz que lhe dizia: «Martiriano, se não te batizas, não podes ser participante de meus bens.»

Turbou-se o mancebo com semelhante voz e, levantando-se da oração, não viu pessoa alguma. Outra noite apareceu-lhe o Anjo do Senhor e disse-lhe: «Levanta-te e vai ao lugar de Magdale, onde acharás um homem ancião vestido com hábito de religioso: este te dirá o que hás de fazer.» O bem-aventurado moço levantou-se e foi ao lugar indicado pelo Anjo e achou o religioso do modo que se lhe havia dito. Era o monge São Frusor, abade do mosteiro daquele lugar, o qual havia convertido aquele povo à fé de Jesus Cristo e edificado um mosteiro a honra e glória de Deus e de Nossa Senhora. Chegando-se Martiriano ao santo varão, disse-lhe: «Pai, entendei que o Anjo do Senhor me enviou a vós dizendo-me que me ensinareis o que tenho de fazer.»

Perguntou-lhe São Frusor acerca de sua pátria e se havia recebido o Batismo. Sabido que não, catequizou-o e batizou-o e juntamente lhe deu o hábito de religioso, o qual recebeu Martiriano com alegria. Sendo monge, foi tão contínuo na oração que não cessava de dia nem de noite de ocupar-se naquele santo exercício.

Tinha debaixo de seus pés a soberba, qualquer malevolência e luxúria. Sendo já de vinte e dois anos, foi ordenado de sacerdote e, como muito tempo depois morresse São Frusor (em cuja morte, segundo se entende do Lecionário de Bañolas, ouviram os religiosos cânticos, vozes e melodias de Anjos), elegeram-no os mesmos monges por seu abade. E ainda que sentiu muito que lançassem mão dele para esta dignidade, houve de aceitá-la e governou aquele mosteiro por tempo de três anos.

Havia naqueles tempos uma ilha apartada do dito mosteiro sessenta e sete milhas, chamada Albengara, na qual habitava, cinquenta anos havia, um varão nobre e religioso chamado Juncio, que era então bispo daquela ilha e de sua cidade, sem haver podido converter à fé de Jesus Cristo mais que cinco homens e duas mulheres. Entendida por este Prelado a fama de Martiriano e quanto aborrecia e fugia do pecado, enviou-lhe Judaico, diácono seu, com uma carta, na qual o consolou muito, e deteve-se por espaço de três dias seu diácono, não estando os dois de empregar-se em contemplar as grandezas do Senhor.

Depois foi Martiriano visitar São Juncio, o qual folgou tanto de vê-lo que de contento se pôs a chorar e estiveram os dois Santos por tempo de uma hora sem que um pudesse dizer coisa alguma ao outro, porque havia tempo que se desejavam ver e viam então cumprido seu desejo. Passado isto, disse Martiriano ao santo Bispo: «Ó pai santo, o gozo de Deus e de sua Mãe santíssima alegre vossa alma e corpo!» E Juncio lhe disse: «Ó servo de Deus, que vos desejava ver tanto para que pudesse contemplar convosco as coisas divinas, que não me cabe o contento no peito!»

Foi tanta a consolação no Senhor destes dois bem-aventurados varões que estiveram por espaço de sete dias e sete noites em colóquios divinos sem lembrar-se de comer nem beber, porque a

virtude de Deus os sustentava. Passados os sete dias veio o diácono e viu-os que estavam contemplando e disse-lhes: «Já é hora que comais, porque sete dias há que não haveis tomado refeição corporal.» Aparelhada a comida, vieram os Santos à mesa e foi trazida diante deles uma mulher endemoninhada para que lançassem dela os demônios. E depois de uma humilde contenda, em que cada um queria ver a virtude do outro, disse São Martiriano: «Façamos nós dois juntos oração, para que esta mulher não se perca, e roguemos todos ao Senhor por ela.» Fazendo os dois Santos oração, os demônios deram gritos e disseram: «Martiriano, que te temos feito para que desta maneira nos queiras queimar?» Respondeu-lhes o Santo: «Eu vos mando que saiais do corpo desta mulher e que não lhe façais dano algum»; e assim o fizeram sem mais replicar. Depois de oito dias o santo bispo Juncio revelou sua morte a Martiriano e rogou-lhe que ficasse ali até que ele acabasse os dias. Esteve ali este bem-aventurado oito dias e São Juncio trocou esta vida mortal com a eterna e os Anjos receberam sua santa alma com grande alegria e contento.

O glorioso São Martiriano tomou o corpo do santo Prelado e enterrou-o com muitas lágrimas num sepulcro de mármore, como merecia um servo de Deus tão grande. Sendo enterrado o santo Bispo, tiveram grande questão os circunstantes sobre quem podia ser suficiente para reger aquele povo. E estando estes em contenda, veio o Anjo com uma carta escrita com letras de ouro, a qual dizia: «O que há de suceder no bispado é Martiriano, amado do Senhor, e isto é o que manda Deus.» Vendo isto o bem-aventurado São Martiriano, aceitou a dignidade de bispo daquela cidade.

Aconteceu por sucessão de tempo que o senhor da ilha, chamado Eutrópio, tinha uma filha que estava endemoninhada, da qual de nenhuma sorte podiam lançar os demônios. O dito Príncipe, entendendo a fama do Santo e como havia curado uma mulher que tinha sete demônios, determinou levar-lhe sua filha para que a tirasse daqueles trabalhos. Chegou o Príncipe diante do Santo e disse-lhe: «Ó servo de Deus, se em nome de Jesus Cristo, o qual tu pregas e dizes que tem tanta virtude, lanças o demônio do corpo de minha filha, eu crerei nele com toda a minha casa.» Então São Martiriano disse a Eutrópio: «Se tu crês no Pai e no Filho e no Espírito Santo, que são três pessoas e um só Deus, eu lhe rogarei que tua filha seja livre do demônio.» Respondeu Eutrópio: «Eu creio tudo o que dizes.» Então o Príncipe fez juntar todo o povo e São Martiriano, diante da multidão, rogou por aquela senhora, suplicando ao Senhor que a quisesse livrar do demônio, e logo foi curada. O povo, vendo tão grande maravilha, voltou-se ao Santo e disse: «Bendito sois vós, que vindes em nome do Senhor»; logo o príncipe Eutrópio pediu o Batismo e ele o batizou com todo o seu povo, o qual era de oito mil homens, sem as mulheres e rapazes.

Esteve São Martiriano ali por espaço de três anos pregando ao povo que fizesse penitência e ensinando-lhes as coisas da fé. Depois dos três anos, vendo que não podia fazer penitência como fazia São Frusor, foi-se com um só criado leitor seu chamado Epimora e passou o mar com uma nau e, chegando aos desertos do Egito, esteve ali por espaço de três anos, no qual tempo não comia senão ervas, exceto que o Anjo do Senhor lhe levava um dia na semana um pão para ele e seu criado.

Nesta era morreu o duque Eutrópio e sua filha casou com o senhor de Florença, o qual era homem inquieto e havia turbado o povo. Este, como mau príncipe, tinha um ídolo chamado Esteriol e mandou fazer um pregão por toda a ilha que todos o adorassem, lhe oferecessem incenso e deixassem a Cristo. Foi tão pouca a constância daquele povo na fé que todos fizeram o que lhes

mandou.

Aconteceu um dia que, dizendo missa São Martiriano, caiu-lhe uma gota de sangue sobre a mão direita, o qual, vendo-a, espantou-se muito e, olhando o céu, viu o Anjo do Senhor que lhe dizia: «Ó Martiriano, servo de Deus, faço-te saber que o povo albengarense tornou a seus erros. Vai lá, porque se te apareja coroa de mártir.» Foi-se logo Martiriano e, chegando à cidade de Albengara, assim que entrou nela, o ídolo Esteriol deu gritos e disse: «Oh, miserável de mim, que farei, aonde irei? porque veio o que me tem vencido e não posso escapar de suas mãos.» Estava o Príncipe perto dele e disse-lhe: «Se tu me mostras este homem, eu farei que te adore.» Mas, chegando ali Martiriano, ficou o ídolo, ou por melhor dizer o demônio, mudo. Vendo o Duque o que se passava, cheio de cólera, disse a São Martiriano: «Tu és o que com teu grande império tens feito que este povo cresse em Jesus Cristo, ao qual os judeus crucificaram?» Disse o Santo: «Assim é pela misericórdia de Deus.» Disse o tirano: «Se tanto poder tem, como tu dizes, Jesus de Nazaré, por que não matou os judeus que o crucificaram?»

Então disse São Martiriano: «Nosso Senhor não morreu por temor dos judeus nem por outra coisa, senão pela redenção das almas e por nossos pecados. Teus ídolos em nós não têm poder nem sabem falar quando é mister, nem tu, que confias neles, tampouco saberás falar quando será mister. Olha que não sacrificarei a teus deuses.» Vendo aquele mau Príncipe a constância do Mártir, mandou que o pusessem ao tormento chamado ecúleo e com unhas de ferro despedaçar suas carnes. Fez-se e com tanta crueldade que não deixaram sobre o Santo senão pouca carne. Depois disto mandou entregá-lo a quatro leões que não haviam comido três dias havia, onde Deus mostrou seu grande poder, porque, sendo lançado aos leões, logo que eles o viram ajoelharam-se e vieram a adorá-lo. Vendo o tirano tão grande maravilha, aceso em cólera, mandou tirá-lo do lago dos leões e disse-lhe: «Teu pai e tua mãe tinham nas partes de Florença muito boa fama, mas tu não tens seguido suas pisadas. Eu creio que não pudeste enganar a gente daquela terra e vieste a burlar a desta ilha; e não somente enganas a gente, mas as mesmas bestas. Eu te faço saber que, se não ofereces sacrifício aos deuses, aos quais teus pais sacrificaram, te farei tirar a vida.» Ao qual disse o Santo: «Se os deuses que adoras fizessem florescer, como faz meu Senhor Jesus Cristo, eu os adoraria. Mas teus deuses têm orelhas e não podem ouvir; olhos e não podem ver; pés e não podem caminhar e finalmente não têm virtude alguma. Nosso Senhor Jesus Cristo faz florescer, dá vida, faz tudo o que nós havemos mister e por isso aquele hás de adorar que pode salvar tua alma.» Entendendo aquele mau Juiz que o Santo estava firmíssimo na fé e que não bastava todo o mundo para apartá-lo dela, mandou que o degolassem e, degolado, veio grande multidão de Anjos diante de todo o povo, que tomaram sua santa alma e, cantando com grande música, a levaram ao céu. Castigou Deus logo aquele mau Príncipe de sua crueldade, carregando-o de lepra, o qual, vendo-se tão castigado e aflito da mão de Deus, fez oração a Nosso Senhor e a São Martiriano, prometendo-lhe que, se o curava daquela enfermidade, adoraria a Jesus Cristo, assim como seu sogro costumava adorá-lo. E logo, feito o voto, foi curado da lepra e ele e todo o povo se batizaram, os que não estavam batizados, e deu-lhes o Batismo o diácono da Sé, o qual antes era diácono de São Juncio, chamado Judaico. Depois tomaram o corpo de São Martiriano e puseram-no num sepulcro de pedra mármore, onde fizeram uma igreja a glória de Deus e de seu santo Mártir, e ali muitos enfermos curaram de diversas enfermidades e sua alma repousa no céu em companhia dos santos Anjos e foi levado depois a Florença, segundo se tira claramente desta história.

Passados muitos centenares de anos, o sagrado corpo foi trasladado a Bañolas, cuja trasladação não se acha por outro escrito antigo senão pelo que se tirou da pintura de um retábulo antiquíssimo e da tradição de gente antiga da dita vila, e se colige e se diz haver acontecido desta sorte, segundo a tenho eu tirado de um memorial que têm ali os Capuchinhos:

Um dia, estando em oração dois virtuosos mancebos, foi-lhes revelado pelo glorioso São Martiriano que o tomassem e levassem à Espanha, a uma vila da Catalunha, sobre a qual nasce uma grande fonte; e isso queria o Santo e permitia Deus, porque em Florença não o honravam. Obedecendo os ditos mancebos ao mandamento do Mártir, tomaram o corpo e, para mais dissimular, puseram-no num tonel, como os com que trazem atum, e trouxeram-no até a entrada da Espanha, pelos montes Pireneus e pela montanha de Canigó e Perpinhão, andando por todas as vilas do bispado de Elna. E ainda que ali se acham muitas fontes, conheceram não haver chegado lá aonde iam e buscavam. Entraram no bispado de Girona, fazendo as mesmas diligências, e levaram-no a um bosquezinho que está a um quarto de légua da vila de Bañolas, do qual saem cinco acéquias grandes de uma ilustre fonte que ali nasce. Entenderam os ditos mancebos ser essa a fonte que lhes foi revelada e ficando-se um deles em guarda do corpo santo, o outro desceu à vila e comprou algo para comer. Informou-se ali que vila era e da causa e origem de tão grande tanque. Disseram-lhe que era uma grande fonte que nascia ali e, estando falando, tocaram os sinos por si mesmos desde que entrou o mancebo até que saiu. Vendo isto o povo, maravilhado de ver uma coisa tão miraculosa como aquela, puseram guarda pelos portais para ver quem entrava e saía; e voltando o mesmo mancebo outro dia à vila, entrando pelo portal, todos os sinos começaram a tanger. Prenderam-no, pois, e levaram-no ao reverendo abade do mosteiro que há na dita vila de Padres de São Bento.

E contando ao abade alguns do povo o que se passava e que os sinos por si tangiam as vezes que aquele mancebo entrava na dita vila, rogou-lhe muito que, se acaso nosso Senhor lhes queria revelar ou mostrar algum bem ou castigo por meio seu, que não se lhes encobrisse. O devoto mancebo, tendo seus olhos fontes de lágrimas de contento por ver que Deus, por honra de seu glorioso e bem-aventurado Mártir, os havia trazido à vila que buscavam, disse ao abade a obrigação que tinha com todo o seu povo de dar graças a Deus pelo benefício que lhes fazia em dar-lhes um tão grande santo e patrono como o glorioso São Martiriano e que ele trazia seu santo corpo desde Florença, por haver sido revelado a ele e a outro companheiro, que ficava em guarda da dita santa relíquia, que o trouxessem ali.

Nisto ordenaram uma muito devota procissão e o abade com seus religiosos, clero e todo o povo foram cantando hinos e cantos devotos ao lugar onde estava o corpo santo; e ao querer tomá-lo o abade e tirá-lo do tonel em que vinha, sucedeu que, não querendo deixar-se tocar por ele, subiu à vista de todos pelo ar a um carvalho que ali havia, pelo que se prostraram todos pelo chão chorando e pedindo a Deus perdão de seus pecados. Alegrou-se disto o mancebo que o trazia e tomando-o com toda a facilidade, trouxeram-no com muita alegria e depositaram-no no dito mosteiro num lugar muito devoto. Chegado o dia, acharam menos o dito santo corpo no mosteiro, porque se havia voltado aonde o acharam o dia antes. Voltando sobre si o clero, confessaram e comungaram no povo e voltaram e, tomando-o com nova alegria, trouxeram-no ao mesmo mosteiro e ali fizeram voto de edificar-lhe uma capela (onde o acharam) a sua invocação e nome, na qual todos os anos, a 24 de novembro, celebrariam sua festa e o dia antes à tarde levariam lá

seu santo corpo com procissão e até a outra parte do dia estaria ali implorando-se seu auxílio. Foi Deus servido que no ano de 1582 fosse a dita capela dada por mosteiro aos Padres Capuchinhos, onde o glorioso Santo lhes faz cada dia muitas graças e mercês. Supliquemos-lhe todos nos alcance a graça de Nosso Senhor, para que de tal maneira vivamos nesta vida que mereçamos gozar de sua companhia na eterna. O muito ilustre e reverendíssimo senhor D. Francisco de Arévalo y Zuazo veio para confirmar a Bañolas, terça-feira a 9 de fevereiro de 1599 e, na quinta-feira, a 11 do dito mês, determinou abrir a arca do glorioso mártir São Martiriano, na qual foi achado seu santo corpo, e mandou que o mostrassem a todo o povo, e assim o fizeram, e acharam-no com um escrito que dizia que era o corpo de São Martiriano, bispo e mártir, natural de Florença.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo Arcanjo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Raphaelem archangelum Tobiæ famulo tuo comitem dedisti in via; concede nobis famulis tuis, ut ejusdem semper protegamur custodia, et muniamur auxilio. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Ó Deus, que destes por companheiro para o caminho de vosso servo Tobias o bem-aventurado arcanjo Rafael, concedei-nos, a nós vossos servos, que sejamos sempre protegidos com sua custódia e fortalecidos com seu auxílio. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 12 do livro de Tobias (o impresso traz «xiii»).

**Tobias 12,7-15**

> **Latim:** 7 Etenim sacramentum regis abscondere bonum est : opera autem Dei revelare et confiteri honorificum est. 8 Bona est oratio cum jejunio, et eleemosyna magis quam thesauros auri recondere : 9 quoniam eleemosyna a morte liberat, et ipsa est quæ purgat peccata, et facit invenire misericordiam et viam æternam. 10 Qui autem faciunt peccatum et iniquitatem, hostes sunt animæ suæ. 11 Manifesto ergo vobis veritatem, et non abscondam a vobis occultum sermonem. 12 Quando orabas cum lacrimis, et sepeliebas mortuos, et derelinquebas prandium tuum, et mortuos abscondebas per diem in domo tua,

> et nocte sepeliebas eos, ego obtuli orationem tuam Domino. [13] Et quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te. [14] Et nunc misit me Dominus ut curarem te, et Saram uxorem filii tui a dæmonio liberarem. [15] Ego enim sum Raphaël angelus, unus ex septem qui adstamus ante Dominum.

**Português:** [7] Porque é bom conservar escondido o segredo do rei: Mas é coisa de honra manifestar e publicar as obras de Deus. [8] E' boa a oração acompanhada de jejum, e da esmola mais do que ajuntar tesouros de ouro: [9] Porque a esmola livra da morte, e ela é a que apaga os pecados, e faz achar a misericórdia e a vida eterna. [10] Mas os que cometem pecado, e iniquidade, são inimigos das suas almas. [11] Eu pois vos descubro a verdade, e não vos ocultarei o que está em segredo. [12] Quando tu oravas com lágrimas, e enterravas os mortos, e deixavas o teu jantar, e ocultavas os mortos em tua casa de dia, e os enterravas de noite, presentei eu as tuas orações ao Senhor. [13] E porque tu eras aceito a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse. [14] E agora me enviou o Senhor a curar-te, e a livrar do demônio a Sara, mulher de teu filho. [15] Porque eu sou o Anjo Rafael, um dos sete que assistimos diante do Senhor.

# Reflexões

Cada palavra da epístola deste dia está cheia de instruções salutares para a vida cristã e cada sentença merece refletir-se com a maior atenção para tirar dela o proveito devido. No princípio propõe o Arcanjo a grande diferença que há entre as obras de Deus e as dos homens, entre o Rei do céu e os reis da terra. Em ordem a estes avisa que é coisa boa o ter secretos seus desígnios; porque um rei terreno, como débil e fraco, não pode precaver as consequências nem impedir que fiquem frustrados seus maiores projetos por uma leve causa. Portanto, em ordem a estas operações civis costuma dizer-se, e com verdade, que sua essência e subsistência consistem no segredo. Não assim as obras de Deus: estas não temem nenhuma força humana, todo o poder da natureza é débil para turbá-las e impedir sua existência. Assim nada importa que se saibam; antes bem o confessá-las e publicá-las a voz em grito é uma ação útil, louvável e honrosa. Dito isto, segue o Arcanjo a dar um documento em que, segundo os teólogos, consiste e se compreende toda a doutrina da vida espiritual. As obras morais boas que podem ser proveitosas para a vida eterna se reduzem a três gêneros; a saber, ao jejum, à oração e à esmola. Do jejum e da esmola são tantas as recomendações e louvores que se contêm nas sagradas Escrituras que de um e outro afirmam unanimemente os Padres que são como duas asas com as quais sobe a oração até o céu. Pelo que toca à oração, bem sabida é sua nobreza, sua eficácia e a necessidade que dela tem o espírito. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e homem, a praticava continuamente e dela dizem os Padres que é o alimento da alma e o meio de alcançar a divina misericórdia.

Segue o Arcanjo a manifestar o dano que se fazem a si mesmos os que caem em pecado, declarando que são inimigos de sua alma, e passa depois a dizer aos dois Tobias o emprego dos espíritos celestiais em benefício dos homens, para que estes se encham de consolo, sabendo por uma parte que suas orações são apresentadas diante de Deus e por outra que são apresentadas

por mão de uns intercessores tão poderosos e tão benéficos que não se pode duvidar de seu feliz despacho. É grande satisfação para os míseros mortais o saber que, por mínimas que sejam suas ações de piedade, há um Anjo que as recolhe, que as toma em suas mãos e cuida de apresentá-las a Deus, dando-lhes todo o mérito que têm contraído pela graça de Jesus Cristo e a boa vontade do cristão. Ditos todos estes documentos que se referem às boas obras e exercícios piedosos que praticava Tobias, fala-lhe também de suas calamidades para ensinar-lhe uma doutrina importantíssima que devem ter presentes os homens nos trabalhos desta vida. «Porque eras amado de Deus, diz-lhe, foi necessário que a tentação te provasse.» Esta mesma doutrina deu São Paulo escrevendo aos hebreus, dizendo (cap. 12): Deus usa da férula e do castigo com todo filho que reconhece por seu. Isto mesmo praticou com o santo Jó e isto mesmo adverte a Tobias, que é uma prova do amor com que Deus o tem olhado. Como Pai caritativo corrigiu-lhe os deslizes, permitiu que o afligissem o desterro, o cativeiro e a pobreza; mas em recompensa o encheu de tesouros, trouxe a paz e a alegria a suas casas e lhe enviou um de seus primeiros Arcanjos para que o certificasse de sua amizade e benevolência. Assim paga Deus as boas obras e assim manifesta que é pai de misericórdias, ainda nas mesmas adversidades, para que o homem se confunda de sua ingratidão e admire em tudo a profunda sabedoria dos divinos conselhos.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São João.

**João 5,1-4**

> **Latim:** [1] Post hæc erat dies festus Judæorum, et ascendit Jesus Jerosolymam. [2] Est autem Jerosolymis probatica piscina, quæ cognominatur hebraice Bethsaida, quinque porticus habens. [3] In his jacebat multitudo magna languentium, cæcorum, claudorum, aridorum, exspectantium aquæ motum. [4] Angelus autem Domini descendebat secundum tempus in piscinam, et movebatur aqua. Et qui prior descendisset in piscinam post motionem aquæ, sanus fiebat a quacumque detinebatur infirmitate.

**Português:** [1] DEPOIS d’isto era dia d’huma festa dos Judeos, e Jesus subio a Jerusalem. [2] Ora em Jerusalem está o tanque das ovelhas, que em Hebreo se chama Bethsaida, o qual tem cinco alpendres. [3] Nestes jazia huma grande multidão de enfermos, de cegos, de coxos, dos que tinham os membros resiccados, todos os quaes esperavão que se movesse a agua. [4] Porque hum anjo do Senhor descia em certo tempo ao tanque: e movia-se a agua. E o primeiro que entrava no tanque depois de se mover a agua, ficava curado de qualquer doença que tivesse.

# Meditação

*Sobre a dignidade do homem, atendida a custódia dos Anjos*

# Primeiro ponto

Considera quanto é o preço de tua alma e a dignidade a que Deus quis elevá-la, quando, não contente com os inumeráveis benefícios e graças que lhe tem feito, se dignou destinar-lhe um Anjo para sua custódia.

Esta providência de Deus é tão maravilhosa por tantos títulos que ela só ocuparia dignamente todas as nossas atenções e seria um poderoso motivo de nossa contínua gratidão. Mas de logo a logo nos põe diante dos olhos nosso próprio interesse e nos ensina quanto devemos estimar-nos a nós mesmos quando assim nos estima Deus. Já o padre São Jerônimo fez esta mesma reflexão e dela deduziu oportunamente a nobreza e dignidade do homem. Criou Deus a este no princípio e criou assim mesmo os espíritos angélicos: a uns e outros os destinou para a bem-aventurança; aos Anjos e ao homem os criou em justiça original e lhes deu todos os meios e graças necessárias para perseverar nela se queriam. Mas entre o homem e o Anjo houve esta diferença: que ao Anjo não lhe destinou outro Anjo custódio que lhe servisse de guia em todos os seus caminhos, que o libertasse dos perigos e lhe sugerisse santas ideias. Pelo contrário, ao homem lhe destina um Anjo desde o mesmo tempo em que cria sua alma para que a guarde, a dirija, a conserve e seja seu protetor e advogado em todas as circunstâncias da vida. Esta providência de Deus exalta a humana natureza; de maneira que em sua consideração parece que não tinha o santo Jó toda a razão que se apresenta à primeira vista quando dizia falando com Deus: «Que é o homem para que assim o engrandeças, ou por que causa hás de fixar nele os cuidados de teu coração?» Não é o homem tão vil e desprezível como parece, quando Deus faz dele tanto caso. Deus é infinita sabedoria: suas operações estão isentas do erro e nem a lisonja pode corrompê-las, porque é infinita verdade, nem o interesse dar-lhes movimento, porque para nada necessita do homem. Sem embargo, Deus te dá sua graça e, não contente com isto, te destina um Anjo que cuide de tua alma. Quanta, pois, deverá ser a dignidade desta e quanto o cuidado que deves ter de sua salvação? E corresponde a esta grandeza de tua alma e às ideias naturais que ela mesma sugere para empenhar-te em sua custódia e cuidado o esmero que tens posto até agora em livrá-la dos perigos, apartando-a das ocasiões e sujeitando a rebeldia do corpo para que não a ofenda? Tua mesma consciência te está condenando neste ponto, ela mesma te acusa de descuidado, de omisso e ainda de pérfido; pois o certo é que não somente tens desprezado a dignidade de tua alma, descuidando em seu benefício, mas tens feito diligências positivas para desfazer e frustrar os esmeros que põe teu Anjo em sua custódia: considera bem isto e dói-te intimamente de quão enganado tens estado até agora.

# Segundo ponto

Considera que os espíritos que destina Deus à custódia do homem o acompanham em todo tempo e em todo lugar. São uns espíritos bem-aventurados que estão vendo a Deus continuamente e alguns deles, como o arcanjo São Rafael, são dos primeiros e mais principais que tem Deus em sua glória; e por conseguinte, quanta é a dignidade do homem, quanto o preço de sua alma e quão

exquisitas devem ser as diligências que se ponham para sua salvação, quando por ela tanto se esforçam os espíritos angélicos!

Surpreende-se o entendimento humano quando considera que umas criaturas tão nobres como os Anjos hajam de estar destinadas para aios e tutores do homem. Os Anjos são espíritos sem mistura alguma de matéria: são as criaturas mais sábias que há em toda a natureza; sua formosura, seu resplendor e todas as suas qualidades lhes dão um preço e recomendação sobre todo o criado; confirmados em graça desde o instante seguinte ao que saíram das mãos da onipotência, veem-se numa impossibilidade ditosa de ser ingratos a Deus: por isso mesmo gozam continuamente daquela glória eterna que deixou absorto a São Paulo e que tem Deus disposta para seus eleitos. Estes espíritos tão sublimes e ditosos e tão dignos de veneração e respeito que os homens mais grandes se têm prostrado em sua presença logo que se têm permitido ver, acompanham o homem de noite, de dia, velando, dormindo, no campo, no povoado, em todas as idades, em todos os exercícios, sem que haja algum tão vil e desprezível que possa fazer que os Anjos o desdenhem. Ainda há mais: é constante que o Anjo custódio exerce seu ministério de várias maneiras, umas vezes opondo-se às astúcias de teus inimigos para que não possam danar-te; outras representando a Deus as ações mais mínimas de piedade, para que sua Majestade as tenha presentes e te socorra com sua graça; outras contendo os efeitos da natureza, para que não te ofendam com tanta atividade ou dirijam a outra parte seus tiros; e outras, finalmente, que são as mais, sugerindo-te ideias de probidade e de retidão, produzindo de um modo admirável e desconhecido, mas verdadeiro, mil santas inspirações que te inclinam e te persuadem ao cumprimento da lei. Tudo isto o tens desprezado muitas vezes ou te tens feito desentendido do que teu Anjo te propunha, ou conhecendo claramente tens abandonado teu ditame por seguir o de tuas paixões ou o de teus inimigos. Com tudo isso, estes soberanos espíritos não têm abandonado a custódia de tua alma, não te têm desamparado, mas têm sofrido tuas ingratidões e têm continuado seus benefícios e esmeros. Qualquer que seja o princípio que move a umas criaturas tão nobres a semelhante conduta, sempre se infere que o homem vale muito, que é grande sua dignidade e que nunca chegará a ser tanto o cuidado que se ponha em sua saúde que não mereça maior esmero. Sabem muito bem os Anjos que os homens estão destinados para companheiros seus e para ocupar aquela multidão de cadeiras que perderam os anjos maus por sua soberba. Sabem que para este efeito se fez homem o Filho do eterno Pai e padeceu morte de cruz, demonstração de amor que não fez pelos Anjos, e isto mesmo lhes faz conhecer a dignidade da alma racional e portar-se com ela tão obsequiosos.

# Jaculatórias

Conheço, Senhor, que enquanto vivemos nesta vida estamos numa menoridade, sob tutores e curadores, até aquele tempo ditoso em que possamos chegar a ganhar a herança. (Gl 4.)

Mas também conheço que vossa dignação tem chegado ao ponto de fazer que vossos mesmos espíritos sejam meus tutores e os que tenham o cuidado de que eu alcance a posse de minha herança, que é a bem-aventurança. (Hb 1.)

# Propósitos

1. Só a história de São Rafael com Tobias e suas benéficas operações bastam para gravar em tua alma uma ardente devoção aos Anjos, principalmente a teu Anjo custódio, e um firme propósito de acudir a ele em todas as necessidades e tentações da vida. Mas, quando este fato não produzisse por si mesmo uma resolução tão proveitosa, bastaria para persuadi-la a razão natural, apoiada na doutrina dos santos Padres. Porque, que podes apetecer em teus maiores trabalhos e aflições senão ter um amigo, um protetor poderoso que possa dar-te auxílio contra teus inimigos e ao mesmo tempo tão sábio e interessado em teu bem como é o Anjo custódio? Todas as demonstrações de submissão, docilidade e agradecimento serão sempre inferiores a teus deveres e aos benefícios que tenhas recebido; porque com dificuldade poderás encontrar tampouco quem tanto interesse tenha em proteger-te e amparar-te. Os Anjos, como que estão sempre diante de Deus, estão abrasados numa caridade perfeita. Têm sua vontade intimamente unida com a vontade de Deus. Sabem que este Senhor amou de tal maneira o mundo que deu seu Filho unigênito, para que todo o que creia nele não pereça, mas consiga a vida eterna. Estes conhecimentos os põem numa venturosa necessidade de favorecer o homem e de buscar por todos os meios possíveis sua salvação. Sua caridade os estimula e a vontade de Deus os obriga.

2. Resolve-te, pois, a ser daqui em diante sumamente devoto do Anjo de tua guarda. Considera-o sempre presente a teu lado e não te atrevas a fazer em sua presença o que de nenhuma maneira te atreverias a executar diante de um homem, ainda que fosse o mais mau do mundo. Implora sua proteção e auxílio, porque este na verdade é sumamente poderoso, principalmente em duas ocasiões: a primeira, quando te vejas na necessidade de empreender algum negócio de grande momento e que te vá muito em seu bom ou mau êxito. O Anjo custódio será então teu mestre e conselheiro e com sua direção sairás felizmente de tua empresa. A segunda, quando te vejas em alguma tentação, principalmente contra a castidade, porque para este gênero de tentações é sumamente eficaz o auxílio daqueles que são virgens por essência e que nesta virtude têm suas maiores delícias.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:57 by Admin